



Composto e impresso na
Tip. MINERVA CENTRAL
Figueiró dos Vinhos

NÚMERO
AVULSO
4\$00

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO *Marçal Manuel Pires Teixeira*
FIGUEIRÓ DOS VINHOS, 25 DE DEZEMBRO DE 1975

ANO I
N.º 5-6

Redacção e Administração
Praça do Brasil — Telef: 42180
Figueiró dos Vinhos

Carta sem selo ao Menino Jesus Senhores da Câmara TIREM AQUILO, JÁ!

MENINO

Esta noite que passou eu esperei por ti. Esta noite que passou, a tua noite, a noite de Teu velho Pai, a noite das rosas de Belém, a noite da cristandade é também a noite de todos os meninos do mundo, mesmo daqueles que são

ram fome, nunca tiveram frio, nunca, descalços, «os passos imprime e traça/na brancura do caminho».

Coisas sem jeito meu Menino, pequenos (?) erros que nem o pó dos séculos nem a inteligência dos homens conseguiram superar. E como

la reira p o b r e da minha meninice.

É, que, eu, sou um saudosista' sabes?

E, depois, nestas lareiras ditas modernas, nem se vislumbra o fumeiro bem fornecido de tisanados e robustos chouriços de lombo e apetitosas farinheiras, marcialmente



pobrezinhos, mesmo daquele cujo pai tosse no catre tosco rouquidões cavernosas, mesmo daqueles condenados ao suplício de um padrasto ou de uma madrasta, mesmo daqueles que não comem sempre nem tanto quanto querem e carecem, e que experimentam essa coisa dolorosa a que os técnicos da semântica chamam subalimentação mas que esses tais meninos sabem muito bem que é a fome, esses mesmos meninos de alma tão cândida e pura como a de todos os meninos e que no alvorecer deste dia maior, se interrogam deixando ler nos olhos magoados e chorosos e na alma profundamente triste, a cor negra da desesperança, se interrogam, dizia, dos motivos porque, sendo tu tão bom, sendo a tua alma toda e tão só formosura e nobreza, és mais generoso para com os meninos ricos, aqueles que graças a Deus nunca passa-

tu tão pequeno e franzino, tens as costas tão largas!...

* * *

Mas retornemos à tua, à nossa grande noite, à noite dos príncipes e dos órfãos.

Porque o inverno se veste de rigores que a própria

Por
MARÇAL MANUEL

invernã não entende, coisa que não passava pela fragilidade da minha resistência há trinta anos, pois não me sinto muito afofado de calores e vai daí, pesguei-me nesta noite que passou quase em cima da amortecida fogueira crepitando na lareira e que nem de perto nem de longe se aproxima da poesia que escreve dos serões do sr. Julio Diniz. E nem mesmo do colorido aconchegado dos serões à

alinhados, e que, à surtelha da nossa mãe, fomos paulatinamente reduzindo, numa transferência sobressaltada para os estômagos, nas ingénuas e líricas paródias com os rapazes do meu tempo!

Oh! que saudades, meu Menino!

Ora, até Tu tens saudades desses tempos, de chaminés mais besuntadas mas de chamas mais vivas nas lareiras, nos corações e nas almas. Até mesmo nas lareiras mais humildes, onde só gravetos ardião, porque não havia dinheiro para lenha, tão mal gasto ele era em muitos casos, a emborcar vinho que toldava o espírito de quem dele abusava, na irresponsabilidade do desfazamento familiar. Lembra-te meu Menino, que nessas casas nem havia Natal? Nem ao menos a tradição tão viva e tão rica de encantos e de si-

(Continua na página 12)

A natureza, magnânima e gentil debruçou-se na nossa terra e matizou a, policroma e arejada, esbelta e tímida, numa abundância pródiga de engastes, dons e privilégios.

Aqui houve paragem do Grande Mestre pintor do mundo na via sacra da distribuição de encantos e formosuras.

Verdade seja que os homens corresponderam sabendo interpretar e integrar-se, identificando-se na maré viva das preciosidades que souberam lapidar enriquecendo este imenso, incomparável museu vivo e palpitante que é Figueiró dos Vinhos.

Desse museu pretendemos hoje evidenciar a peça única de incalculável valia que é o Ramal e todo o soberbo conjunto em que se insere e de que é ponte, formado pelo Jardim e Jardim-Parque. Definição justa de todo aquele molhe está em nós e sobretudo na opinião de especialistas que são verdadeiras autoridades na matéria, e que avançam na classificação de sublimidade do «oásis» de sonho num jardim de maravilhas!

Autêntica «sala de visitas» desta terra universalmente e em termos de turismo celebrizada «Sintra do Norte», aquele portentoso conjunto — jardins e balaustrada — é obra dos homens, culminando a generosidade do Criador bem evidente naquele Presépio de cor, vivo, empolgante, rasgado, e que ali se despenha na amplidão de horizontes sem fim. De salientar nessa tarefa em que se empenharam aqueles inesquecíveis figueiroenses, a preocupação de um perfeito enquadramento. Processou-se a valorização mas em respeito pela natureza, pela moldura dos horizontes, pela soberba panorâmica que escorre nos longes e inundam os olhos extasiados de quantos, amando o belo, ali se deleitam.

Os figueiroenses orgulham-se muito legitimamente, daquela janela aberta para as culminâncias paisagísticas. E jámais alguém, dentre eles, se atreveu a atentar contra essa jóia que é riqueza inestimável desta terra que tanto amamos.

Pois, e com surpresa e estranheza, mágoa e revolta, os figueiroenses estão assistindo a uma tentativa de destruição dessa soberba janela que no seu género é única em todo o Portugal.

Com efeito, a Câmara acaba de autorizar a instalação naquele lugar de um quiosque que, por muito elegantes que sejam as suas linhas, não deixa de ser um «mamaracho», pelo simples motivo de que ali nada mais pode caber. Tudo quanto se fizer será um hematoma, será uma ferida, será desvalorização e o género da pretensão de que vimos falando, por inconcebível tal o atropelo, toma

(Continua na 2.ª página)

As Firmas, anunciantes neste Jornal, cumprimentam os seus Ex.mos Clientes, Amigos e População, com votos de Boas Festas e Novo Ano próspero.

Senhores da Câmara

(Continuação da página 1)

proporções de crime de lesa-Figueiró. E fartos disso estão os figueiroenses.

Portanto, porque acreditemos que os homens da Câmara são inteligentes e capazes por isso de reparar um erro, e para evitar que as gentes de Figueiró tomem posições e atitudes que perturbariam certamente a ordem e a harmonia que por aqui se respira, pois, aqui estamos a recordar-lhe e a pedir:

SENHORES DA CAMARA,
TIREM AQUILO JA'!

Marçal Manuel

O que os Cunhais queriam para nós

O Dr Dorf pronunciou as seguintes palavras num congresso de pedagogia: « De bom grado perdoaria aos bolchevistas muito e, ainda, tudo quanto fizeram: as execuções, os sofrimentos impostos aos sábios russos. Mas há uma coisa que jamais lhes perdoarei: as experiências criminosas, dignas de tribos selvagens, que fizeram e continuam a fazer na geração juvenil e nas crianças. Nem no passado, nem no presente, houve crime que se possa comparar com este: deitaram a perder, moral e fisicamente, toda uma geração russa, arruinada sem remédio.»

APELO A'S PESSOAS DE BOA VONTADE

A Cooperativa de Trabalhadores Retornados do Ultramar, necessita de instalações para a sua sede em Lisboa, mesmo que provisórias. Um andar ou um prédio para demolição, mesmo que carecendo de algumas obras, pode servir

Telefs. 932771/942365.

Agradecimentos

Sua esposa, Maria Joana Machado, seu filho, José Guerreiro Machado, sua nora Maria de Lourdes e Santos Silva Machado, seus netos José Guerreiro Santos Silva Machado e Maria Paula Santos Silva Machado, receando cometer alguma falta por omissão que de qualquer modo seria involuntária, vêm por este meio agradecer profundamente sensibilizados, a quantos lhe testemunharam pesar e se incorporaram no funeral do seu muito saudoso marido, pai, sogro e avô, João Pedro Machado.

A todos a sua eterna gratidão.

A família de Maria dos Anjos, que foi moradora no Caparito e faleceu em 8 do corrente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram a sua dor e estiveram presentes no funeral do seu muito saudoso marido, pai, sogro e avô, João Pedro Machado.

Para todos o seu reconhecimento.

Seu filho José João da Conceição Godinho e restante família, não lhe sendo possível agradecer pessoalmente a quantos se dignaram apresentar-lhe condolências e acompanhar seu pai e parente à última morada, vem fazê-lo por este meio, a todos deixando o testemunho da sua gratidão.

FALECIMENTOS

João Godinho



Com 80 anos de idade faleceu nesta Vila João Godinho (viúvo) desde há muitos anos enfermo.

Era pai de José João Godinho, agente comercial, natural desta terra e residente em Pombal, onde goza de gerais simpatias.

Vasco do Carmo Gonçalves

Vitima de um brutal acidente, quando a motorizada que conduzia foi embatida por uma outra tripulada por Joaquim Domingos da Conceição, faleceu Vasco do Carmo Gonçalves, natural desta freguesia, de 40 anos de idade, casado com D. Regina Lopes e que deixa três filhos menores, respectivamente com 17, 11 e 2 anos de idade.

Era filho de Domingos Morais e de D. Maria do Carmo (falecidos) e irmão de José do Carmo Morais, dinâmico comerciante da nossa praça, casado com D. Laura da Conceição Silva Morais, Joaquim Dias Morais, casado com D. Celestina L. Santos Morais, ausentes em Moçambique, de D. Matilde Carmo Morais, e D. Margarida Carmo Morais Gonçalves, casada com Manuel de Jesus Gonçalves.

Maria dos Anjos

Com 66 anos de idade faleceu no lugar do Caparito no dia 8 do corrente, D. Maria dos Anjos, casada com Manuel de Almeida (Manuel da Felicidade). Era mãe de D. Maria de Lourdes A. Almeida, casada, e de José Fernandes Anjos Almeida, solteiro, residentes no Brasil, e irmã de D. Herminia S. José Santos Simões, casada com Juvenal Conceição Simões, Carlos Manuel dos Santos e José Martins dos Santos (Zé da Quinta), residente na Beira-Moçambique.

Luis Mendes de Oliveira

Com 76 anos de idade e após grave doença que se prolongou por 13 anos impedindo-lhe doloroso sofrimento, faleceu nesta Vila em 19 do mês findo Luis Mendes de Oliveira, viúvo, antigo componente da Filarmónica local que serviu dedicadamente durante algumas dezenas de anos. Era pai de D. Maria Dulce Almeida Oliveira, casada com Alberto da Silva, Maria do Nascimento Almeida Oliveira, solteira, D. Judite Almeida Oliveira, casada com António Mendes Oliveira, residentes na Beira-Moçambique, D. Belmira Oliveira Barra, casada com Joaquim Martins Barra e D. Maria Odete Oliveira Martins, casada com Carlos Conceição Martins.

Era avô de D. Maria de Fátima Oliveira Lopes, casada com Marcolino Conceição Lopes, D. Maria Isabel Oliveira Santos, casada com Adamastor V. Santos, D. Maria Conceição C. Cabral, casada com José Cabral, residente em Torres novas, Carlos José e António Carlos de Oliveira Martins, Carlos Mendes de Oliveira, Carlos de Oliveira Martins, Carla Margarida O. Martins, Candida Maria O. Silva e Luis Manuel O. Santos. No funeral, em que se incorporaram muitas dezenas de pessoas, esteve representada com Bandeira a Filarmónica.

José Granada

Inesperadamente faleceu nesta Vila José Granada, antigo industrial de sapataria, figura muito conhecida e de tradição em Figueiró dos Vinhos.

Era irmão de Víctor Granada e José Mendes Medeiros residentes nesta Vila e de Henrique Granada, há muitos anos radicado em Rio Maior.

* * *

'As famílias enlutadas apresentam, quantos trabalham neste jornal, as mais sentidas condolências.

Federação de Municípios do Distrito de Leiria

AVISO

Para conhecimento de todo o público, se informa que o serviço de expediente ao público e serviço de tesouraria a partir de 1 de Janeiro de 1976, passa a ter o seguinte horário:

De segunda a sexta-feira

das 9 H e 30 m às 12 H e 30m
» 14 » » 16,30

Aos sábados

das 9 H e 30 m 12 H e 30m

Leiria 4 de Dezembro de 1975

RELOJOARIA MARQUES

DE J. J. Pereira Marques

É amante da vesca? Pois visite a Relojoaria Marques, onde encontrará toda a gama de apetrechos que o ajudam a triunfar no seu desporto!

Relojoaria - Reparações garantidas. Agente dos afamados relógios CITRAL

Telef. 4 22 13 Rua Luís Quaresma (Vale do Rio) Figueiró dos Vinhos

Agradecimento

A família de Luis Mendes de Oliveira falecido em 19 de Novembro passado, receando cometer qualquer falta que seria ingratitude, vem por este meio agradecer profundamente reconhecida, a todas as pessoas que se interessaram pela saúde de seu pai, extremoso avô e parente e estiveram presentes no seu funeral.

Para todos a gratidão mais sincera.

Anuncie neste jornal

Flávio R. Moura

SOLICITADOR

Aberto todos os dias úteis das 10 às 12,30 e das 15 às 17,30 excepto aos Sábados cujo horário é das 10 às 12,30
Rua Luís Quaresma (VALE DO RIO)
Figueiró dos Vinhos

AUTOMÓVEIS

Se deseja comprar um automóvel de qualquer tipo ou marca, contacte c/o Agente Comercial

António Martins Pinheiro
Quinta do Carmo N.º 35

Telefone: 2 51 08 18

SACAVÉM

VENDE-SE

Terra de rega e de mato, com eucaliptos, oliveiras, videiras e pomar de laranjeiras, com 15 000 m² e água de pé, casa de habitação e logradouros para todos os anos mais vende-se, na Ribeira do Douro. Tratar até ao fim de Janeiro com José da Conceição Simões, no Douro, Figueiró dos Vinhos.

CASA LOPES DE

Fernando das Neves Lopes

OFICINA DE REPARAÇÕES DE MOTORIZADAS BICICLETAS E MOTO-SERRAS

Localidade: Figueiró dos Vinhos, Rua Dr. Martinho Simões, nº 30

CASA LOPES

STOKS PERMANENTES

A TÉCNICA AO SERVIÇO DA ECONOMIA

Telef. 4 23 30

Rua Dr. Martinho Simões

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

O Senhor tem horas certas?

Pronto, o « CERTINA » desapareceu de novo! Pois claro, não há « CERTINAS » que cheguem, toda a gente gosta do que é bom!

Não, desculpe, ainda não comprei um CERTINA! Pois não perca tempo, adquira-o hoje mesmo e depois não diga que o não avisei!

Mas se preferir outras marcas de prestígio pois podemos servi-lo
Visite hoje mesmo

OURIVESARIA E RELOJOARIA GASPAR

OFICINA DE REPARAÇÕES

Telef. 42166

Rua do Sol

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Emídio Emílio de Almeida

Padaria FIGUEIROENSE

O Pão que Figueiró dos Vinhos consome

Padaria Figueiroense: A qualidade em pão!

Telef: 4 23 32

Figueiró dos Vinhos

CONFECÇÕES
LANIFÍCIOS

CHALEIS
COBERTORES

F. R. FERREIRA, LDA.

Telef. 4 23 03

Figueiró dos Vinhos

FERNANDES & FERNANDES, L.DA

COM

Oficina de reparação de automóveis
Venda de pneus, peças e acessórios
Desempanagens, bate-chapa e pintura

Ao fundo da Vila

Telef. 4 53 10

Pedrogão Grande

RECAUCHUTAGEM

Sonuma

Telefones 42102 e 42139 * Telegramas Sonuma
Figueiró dos Vinhos

O MELHOR EM RECAUCHUTAGEM

- RECAUCHUTAGEM
 - RECHAPAGEM
 - VULCANIZAÇÃO
- DE TODAS AS MEDIDAS QUE
SE FABRICAM NO MUNDO
- VENDA DE PNEUS NOVOS
NACIONAIS E ESTRANGEIROS

A única fábrica no País com moldes
de origem para o PNEU MICHELIM

AGÊNCIAS

LISBOA — Quinta do Carmo — Sacavém

CASTELO BRANCO — Rua Dr. Hermano, 1- B - Telef. 3 22 91

*Cumprimenta os seus Ex.mos clientes,
amigos, colaboradores, fornecedores e toda a
População, desejando as Boas Festas e Ano
Novo muito próspero.*

Centro de Cultura, Recreio e Arte

Curso de Inglês

Dirigido Por: **Paulo Manuel Feres Teixeira**

LIÇÃO N.º 3

In a shop

Paula - Hallo!
 Man - Hallo!
 Paula - A newspaper, please.
 How much is it?
 Man - Here you are. Three pence please. Thank you.
 Paula - Thank you. Goodbye.
 Man - Goodbye.

NEW VOCABULARY

Shop . . . - loja How much is it? - Quanto custa?
 please . . . - por favor quanto é?
 Thank you - obrigado Here you are . . . - aqui está
 Goodbye . . . - adeus Newspaper . . . - jornal

GRAMMAR

1 - **A newspaper please** - aprendeu a dizer *um* em inglês
a newspaper - um jornal
 2 - **How much is it?** - quanto é? Forma interrogativa. E' uma expressão indefinida.

3 - **Here you are** - aqui está **Here** - aqui. Aplique esta frase em todos os pronomes pessoais que aprendeu

H I am Here he is Here it is Here you are
 H y u are Here she is Here we are Here they are

Seguem-se mais exemplos da lição n.º 2

What's this? It's a book What's this? It's a pen
 « « « stamp « « « a letter
 « « « newspaper what's this? It's a postcard
 « « « box of matches « « « cigarette

NEW VOCABULARY

Book . . . - livro box of matches - caixa de fósforos
 pen . . . - caneta stamp - selo de correio
 letter . . . - carta cigarette - cigarro

NOTARIADO PORTUGUÊS

Cartório Notarial do Concelho de Figueiró dos Vinhos

A cargo da notária: *Lic. Marta Maria Ferreira Agria Forte:*

CERTIFICO para efeitos de publicação que, por escritura de 5 de Dezembro corrente, exarada de fls. 9 a fls. 10, do livro de notas para escrituras diversas N.º 278, deste Cartório, foi celebrada uma escritura de habilitação de herdeiros por óbito de JOSE NUNES DOS SANTOS, no estado de solteiro, natural da freguesia de Campelo, deste concelho, onde residia no lugar de Serrada, falecido no dia 28 de Novembro de 1974, no Hospital de São José, freguesia de Prazeres, concelho de Lisboa, onde se encontra acidentalmente.

MAIS CERTIFICO que o falecido não deixou testamento ou qualquer outra disposição de última vontade e que por esta mesma escritura foi declarada como única e universal herdeira sua mãe FEL'SMINA DOS SANTOS, no estado de viúva, natural da citada freguesia de Campelo, onde também reside no referido lugar de Serrada, e de cuja herança fazem parte bens móveis cujo valor ultrapassa o limite fixado no número um do artigo noventa e sete do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME.

Cartório Notarial de Figueiró dos Vinhos, aos seis de Dezembro de mil novecentos e setenta e cinco.

O AJUDANTE DO CARTÓRIO

Carlos Augusto Concelção Santos

Anuncie neste jornal

SOLAR — RESTAURANTE — SNACK — BAR
 — AGORA COM NOVA GERÊNCIA

SOLAR A dinâmica da acção numa Indústria Hoteleira Moderna

Venha almoçar ou jantar connosco ao **SOLAR** mas não traga cinto; olhe que depois não o aperta!

E traga muito dinheiro para no regresso sentir a satisfação de continuar com os bolsos cheios.

É que, no **SOLAR**, come-se bem e por uma bagatela!

SOLAR - O maior requinte em «Copos de Água» e banquetes.

Especialidade da casa: «BACALHAU à **SOLAR**»

E SE TEM FAMA DE BOM, POR ALGUMA COISA É!

ADEGA REGIONAL

Telef. 4 24 28 - Praça JOSÉ MALHOA - FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MANUEL FERREIRA DOS SANTOS BARATA

Tudo em mercearia, miudezas louças, plásticos e roupas de criança

Vinhos do Porto e toda a gama de bebidas finas

A mais completa variedade de artigos para prendas de casamento, batizados e aniversários

Uma velha casa actualizada no processo de servir melhor

A Despensa Económica de todas as donas de casa

Rua Luis Quaresma (Val do Rio) — Ao Rêgo — Figueiró dos Vinhos

Móveis em madeira e metálicos

Cunha & Ramos, L. da

DECORAÇÕES

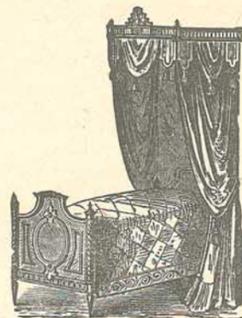
Tapeçarias — Estofos

Faça do seu lar um mundo de conforto com mobílias

Cunha & Ramos, L. da

Rua Dr. Manuel Simões Barreiros

FIGUEIRÓ DOS VINHOS



Oficina de
 Marcenaria
 Telef. 4 22 64

P A F I L - Pais & Filhos, Lda.

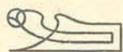
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Bairro Industrial — Almofala de Baixo

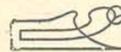
Aguda — FIGUEIRÓ DOS VINHOS

(Correio de Chão de Couce)

EM CONFIANÇA, PELO PROGRESSO ABRINDO NOVOS POSTOS DE



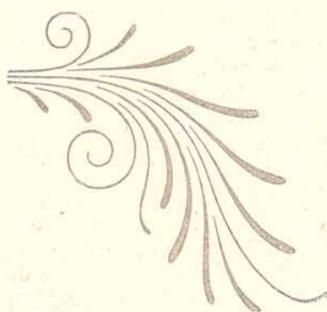
TRABALHO PARA UM VELHO PORTUGAL NOVO



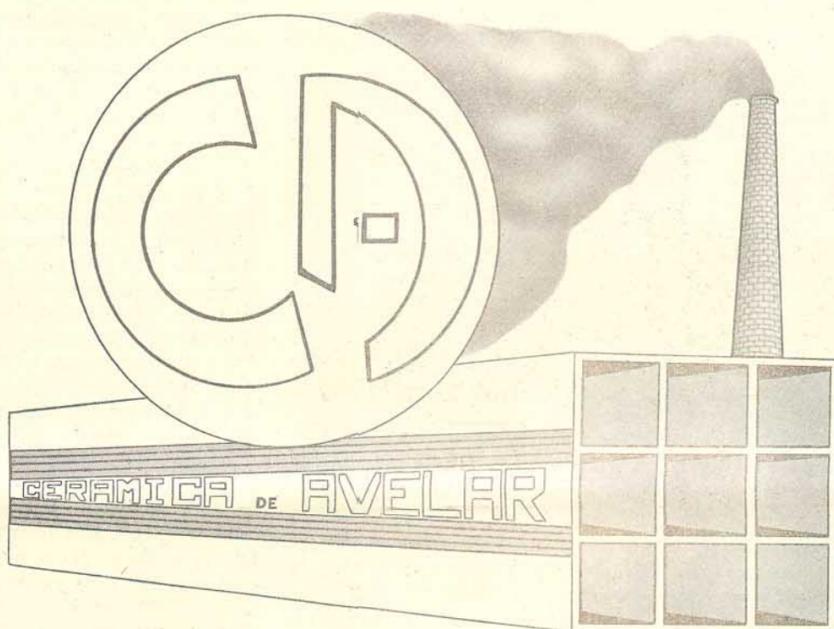
Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes, Amigos e População,

Desejando Boas Festas e Feliz Ano Novo.

*Boas
Festas*



**T
I
J
O
L
O
S**



**T
E
L
H
A
S**

**ACCES-
SÓRIOS**

SILVA, GODINHO & SILVA, L.^{DA}

Telef: 32274

Lombas — AVELAR

DE BARRO SE FEZ O HOMEM
DO BARRO FAZ O HOMEM O TIJOLO
COM TIJOLO SE CONSTROI UMA CASA
DE MUITAS CASAS SE FAZ O MUNDO

SILVA, GODINHO & SILVA, Lda.

Colaborando na Construção Civil

Participamos no progresso do País

**ABO-
BADI-
LHAS**

*Cumprimenta os seus
clientes e amigos, desejando-
-lhes um Novo Ano muito
próspero.*

A HORA DO LEITOR

António Vaz e Luís Ferreira entrevistam Director do nosso Jornal

A criação de um novo jornal em Figueiró dos Vinhos é para nós, motivo de regosijo, e também um incentivo, na medida em que, sendo a informação um meio de comunicar, acreditamos que «Comarca de Figueiró» nos traga algo de muito positivo e válido.

Daí a iniciativa desta entrevista, pois quer-nos parecer que tem oportunidade, sobretudo para sabermos efectivamente acerca das aspirações de um jornalista e dos caminhos a percorrer pelo Jornal que fundou.

Começemos, pois:

O que o levou a criar um Jornal Novo?

1 — Não, não é um jornal novo mas outrossim um novo jornal a modestíssima «Comarca de Figueiró» que acabo de fundar. Por um outro espírito mais lavado e escoreito que se pretende vivificar, por um novo ou pelo menos diferente padrão que se pretende estabelecer, por uma doutrina mais de harmonia com as formas de vida modernamente adoptadas e mais próxima das novas concepções de jornalismo que se pretende respeitar, pois é possível que chegue ao mérito de jornal novo, mas por ora, até porque lhe falta maturidade para outros vãos, é apenas um novo jornal.

Um desejo legítimo de realização na dupla e simultaneamente integrada personalidade homem-jornalista, o profundo amor pela minha terra e por toda a região que a emoldura, e a vontade de a servir mais e melhor a crédito da honra de nela ter nascido, são a base primária, o catalizador irreversível da minha iniciativa, posto que o tal espírito mais lavado, o novo padrão, o pormenor doutrinário, constituam igualmente o corpo da chama que me decidiu, sejam fulcro do projecto que materializei.

De resto, onde está o jornalista que não aspira a ter o seu próprio jornal?

Sabendo que a sua iniciativa não corresponde a um simples devaneio, gostaríamos nos elucidar-se sobre a sua experiência jornalística:

2 — Experiência é, concerteza, mas tão somente na responsabilidade de novas e mais exigentes funções. A minha experiência jornalística apoia-se em 36 anos de actividade, sendo os primeiros 16 como amador e os últimos vinte como profissional.

Ensaiei os primeiros passos na «Regeneração», graças à compreensão dos saudosos Dr. Simões Barreiros e Padre António Inglês colaborei amadoristicamente em diversos jornais e revistas de Moçambique e de Portugal. Como profissional inici-me no Diário de Lourenço Marques, passei depois para o Diário de Moçambique, regresssei ao Diário de L. Marques e quando há sete anos vim de férias a Portugal recebi na minha terra um convite para ingressar no Notícias da Beira e porque a doutrina desse diário melhor se ajustava à minha consciência e formação políticas — era considerado da oposição, por ignorar o estilo louvaminheiro, o «amen», graças à orientação que lhe imprimia esse grande português que é o Eng.º Jorge Jardim, a quem já ouvi chamar fascista, coisa que ele nunca foi e nós podemos testemunhá-lo — pois acei-

Sem auxílio oficial, propõe-se lutar contra todas as dificuldades e dar continuidade ao Jornal?

4 — O meu jornal só foi possível graças à compreensão dos meus conterrâneos e sobretudo do comércio e indústria. E manter-se-á, se esse apoio me não fôr retirado.

Gostávamos que o Marçal nos dissesse se está na disposição de noticiar todas as verdades «doam elas a quem doerem»:

5 — O jornalista tem o seu código de honra. Eu sou escravo desse código. Só aceito o jornalismo desde que o seu exercício conjugue numa plena e insofismável identificação as funções informativa e formativa. Aquele que escreve e desvirtua, adultera, verina e informa tendenciosamente conspurca o ideal jornalístico, atraiçoa a função, não é jornalista. Naqueles dolorosos tempos da ditadura (sistema pa-



tei o convite e passei a integrar os quadros desse jornal.

Como experiência ainda, classifico o primeiro lugar que obtive no Concurso Literário comemorativo do Bi-Centenário da Ilha do Ibo, em 1962 e quatro primeiros prémios de poesia em jogos florais organizados pelos Serviços Culturais da Rádio Clube de Moçambique.

Trabalho de Fôlego — um livro de 300 páginas, analisando problemas de Moçambique escrito em 15 dias e que nunca foi publicado porque essa coisa chamada censura não deixou! Mas publicá-lo-ei.

Teve apoio de qualquer organismo oficial ou particular na criação de «Comarca de Figueiró»?

3 — Não. O meu jornal é independente.

ra onde uns tantos vadiolas castros e vendidos a uma minoria nos querem de novo arrastar, quando era necessário arrojo e muita coragem para escrever certas verdades eu não me encapotei. E paguei bem caro por essa audácia, por esse desafio. Passei uns maus bocados mas não mudei. Mantenho-me igual a mim próprio, no respeito por mim e, sobretudo no respeito pelo meu semelhante, pela sociedade em que me integro.

A censura acabou?

Embora a censura esteja abolida no nosso país, pensa que se informar todas as verdades as coisas correrão pelo melhor?

6 — Mas... a censura foi abolida?! Desconhecia isso, estou francamente surpreendido! Então e que me dizem à ameaça das multas e suspensões que se abate sobre os jornais e dos jornalistas qual espada de Damocles?! Conhecem a lei da imprensa? Pois debrucem-se sobre ela, interpretem-na justamente digam-me depois se efectivamente a censura foi abolida.

Admitindo-se que a grande imprensa faz a cobertura dos acontecimentos a nível nacional e mundial, que lugar pensa se destinara à imprensa regional, além dos casamentos, batizados e funerais?

Conceito de notícia, conceito de classe.

7 — Um jornal das características de «Comarca de Figueiró» tem necessariamente de reservar algum espaço para essas vulgares e erradamente chamadas: notícias de aldeia. De resto, mesmo a chamada grande imprensa não desdenha noticiar esses acontecimentos e, por vezes, com excessivo destaque. Pois se querem

um exemplo aí vai: Supunhamos que hoje morria o ex-Primeiro Ministro, vulgo «companheiro Vasco»! Vocês veriam como os desacreditados «Pravdas» e «Izvéstias» nacionais enchiam e não só num dia mas num cento deles as suas primeiras páginas, com biografias circunstanciadas até à primeira mamada!

É claro que esses mistificações da informação procederiam diferentemente se a morte vitimasse por exemplo um grande médico, um grande cientista, um grande intelectual desde que, claro, a figura desaparecida fôs se ou não «osse russo, cubano, chinês, MPLA etc...». Pois, e ainda outro exemplo, se hoje morresse o Primeiro Ministro Pinheiro de Azevedo, os ditos jornais pouco menos que ignorariam a coisa, preferindo uma comemoração bem regada lá para a banda das barreirinhas. Um outro exemplo ainda: se hoje morrer um trabalhador rural, um anónimo metalúrgico, um soldado ou deficiente das forças armadas, essa mesma imprensa que tanto procura hoje servir-se de todos eles, ou ignorava o facto ou metia uma lacónica notícia lá para a barafunda de uma página interior. Pois é, eles são os grandes defensores de uma sociedade sem classes.

Vas voltando ao meu jornal, pois eu não pretendo transformar numa toalha reduzida ao noticiário que não exige esforço, que não requer imaginação, não acarreta nem impõe responsabilidades, ao tipo encher espaço a que na gíria jornalística se chama «encher chouriço». Pretendo que o meu jornal seja para todos e seria estulto ignorar uma camada de leitores que ainda se não despiu da ideia de que um jornal de feição regionalista se reduz a essa, em termos jornalísticos, expressão mais simples, isto é, à ideia de que o jornal que fala em nós e no nosso compadre é que é um jornal, à ideia de que todas as ocorrências por mais banais em que estejamos metidos são sempre as mais importantes. Ora, tal espírito tem de ser combatido gradual e ponderadamente. Parece-me a mim que se o jornal levantar o problema de uma Escola para a Coelhoira, uma estrada para a Ribeira do Braz, um fontanário para o Carapinhil, isto como exemplos, as pessoas anotam o sentido construtivo, a objectividade desse jornalismo e vão progressivamente tomando consciência do que melhor os serve, vão adquirindo um mais justo conceito de importância em termos de informação. Julgo que estou no bom caminho e a essa conclusão sou levado pela aceitação que o meu jornal tem merecido e que me esclarece de que, afinal, os meus leitores adquiriram agora ou já observam, a exacta noção do jornalismo que mais lhe convém.

A crítica é necessária

Há sempre uma crítica. Como vai reagir se souber que o Jornal não agrada?

8 — a crítica é indispensável e sem ela não há produção. Simplesmente, como dizia Lorde Byron, «é fácil criticar um autor, mas é difícil apreciá-lo». Terei dito tudo?!

Suspeitando que não, pois sou um homem preparado para aceitar as críticas ao meu jornal, considerando a crítica isenta, objectiva, na sua verdadeira dimensão e seguindo-a com o respeito que se deve a um mestre que procura abrir-nos novos caminhos sem os impôr. De resto, sou falível como todos os homens e não tenho a pretensão da

Rosa Coutinho:

Quem é você?

Até nós chegou uma fotocópia de uma carta em papel timbrado do Estado de Angola (Repartição do Gabinete do Governo Geial) com S. R. a ladear o escudo nacional e sob este e igualmente timbrado «República Portuguesa», com uma assinatura ilegível e sob esta o nome de António Alva Rosa Coutinho.

A carta em referência é um monturo repugnante e asqueroso que temos de levar ao conhecimento dos leitores. É tão miserável, tão baixo o conteúdo da referida carta que ficamos mesmo sem saber até que ponto é que poderemos duvidar ou não da existência de uma tão monstruosa figura humana capaz de o produzir.

Eis a carta:

Luanda, aos 22 de Dezembro de 1974.

Camarada Agostinho Neto A FNLA e a UNITA insistem na minha substituição por um reacionário que lhes apare o jogo, o que a concretizar-se seria o desmoronamento do que arquitectámos no sentido de entregar o poder unicamente ao MPLA. Apertam-se aqueles movimentos fanáticos em brancos que pretendem perpetuar o execrando colonialismo e imperialismo português — o tal da Fê e do Império, o que é o mesmo que dizer do Bafio da Sacristia e da exploração do Papa e dos plutocratas.

Pretendem essas forças imperialistas contrariar os nossos acordos secretos de Praga, que o camarada Cunhal assinou em nome do PCP, a fim de que, sob a égide do glorioso PC da URSS possamos estender o comunismo de Tânger ao Cabo e de Lisboa a Washington.

A implantação do MPLA em Angola é vital para apearmos o canalha Mobutu, laçao do imperialismo e nos apoderarmos da plataforma do Zaire.

Após a última reunião secreta que tivemos com os camaradas do PCP, resolvemos aconselhar-vos a dar execução imediata à segunda fase do plano. Não dizia

(Continua na 8.ª página)

intangibilidade. Estou muito longe de saber muito e tenho a preocupação de aprender, de me esclarecer, de me valorizar.

Pois dentro destes parâmetros aceito a crítica mas repudio-a se esta se limita a palavras. Eu quero saber em que se fundamenta a crítica. Se disserem que estou errado eu quero que me digam onde e porquê. Limitar-se o crítico a dizer «isto não presta» é muito curto. Tem de fundamentar essa opinião, justificá-la, dar-lhe crédito. Da mesma forma que se o crítico disser «isto está muito bom», tem necessariamente de dizer porque está bom.

Eu, não apenas admito a crítica como a desejo, mas em termos concretos. Jamais fiz uma crítica sem o complemento indispensável do fundamento da minha opinião.

Na pretensão de sermos úteis, trouxemos as opiniões de Marçal Manuel Pires Teixeira, Director de «Comarca de Figueiró», um jovem Jornal que a Vila e não só, recebeu com inteiro agrado.

Pois felicitando o seu Director e nosso entrevistado de hoje, formulamos votos de prosperidades e longa vida.

António Vaz
Luís Ferreira

FÁBRICA DE MALAS
DE
ALVES, MENDES & SILVA, L.DA

SOUTO FUNDEIRO - CASTANHEIRA DE PERA
SIMEAL

MALAS - ARCAS - BAÚS

Nós também participamos na batalha de produção conscientes de estarmos servindo a economia nacional! Nós somos SIMEAL - Numa velha indústria, uma nova Fábrica aplicando as mais modernas técnicas no fabrico de

MALAS ARCAS E BAÚS

A DIGNIDADE DO COMERCIANTE

A profissão de comerciante é, pelas múltiplas ligações sociais e de interesse público, daquelas que mais reclama e exige honestidade.

O comerciante português, desde os primórdios da nacionalidade, cedo revelou perante o mundo de então a sua astúcia, mais sagaz que manhosa. Seria, no entanto, mais tarde, no período posterior às descobertas, que viria a florescer o comércio português e a instituir-se a sua dignidade colectiva nas relações internacionais.

De geração em geração a probidade tradicional do comerciante português foi sendo transmitida, não só de pais para filhos, mas também e muito mais, de patrões para empregados que aceitaram o testemunho que mais tarde entregaram aos seus sucessores, cadeia esta que chegou aos nossos dias numa viagem tantas vezes tormentosa, mas resistindo sempre, de frente erguida e com dignidade aos ventos maus do mar encapelado em que a sua acção se desenvolve e agita.

A chancela ou assinatura do comerciante são ainda hoje objectos de garantia ou aval perante repartições do Estado ou autarquias.

Injustamente, em contrapartida, muitas vezes esta laboriosa classe tem sido alvo de sevícias e vexames não merecidos, só porque um ou outro dos seus elementos não soube cumprir o seu dever.

Durante a última guerra mundial, perante a incapacidade governamental de garantir o abastecimento normal dos vários produtos no mercado, criou-se no nosso país uma fiscalização que, servindo-se de métodos demagógicos para esconder a realidade dos factos, media e classificava a personalidade de todos os comerciantes em geral, pela bitola dos oportunistas e mixordeiros, criando na mentalidade de certo público consumidor a ideia de que o «comerciante» era sinónimo de «especulador».

Dessa acção nefasta de alguns maus agentes dessa autoridade e de certa imprensa parcialista, ficaram feridas que dificilmente cicatrizam e muito menos desaparecem.

Torna-se assim necessário que

na nova sociedade justa que os portugueses estão interessados em construir democraticamente, sejam restituídos aos trabalhadores do comércio as prerrogativas inerentes à sua vivência nessa mesma sociedade para cujo progresso se entregam de alma e coração.

«Renandof Siper»
Dez./75

Nota da Redacção: Felicitamos o nosso colaborador «Renandof Siper» pela oportunidade do seu trabalho e pelo espírito de justiça que dele transpira. Ele pôs mesmo o «dedo na ferida». Infelizmente, ainda existem mentecaptos para quem o comerciante, sem alternativas, é sempre um ladrão. Ninguém se preocupa em fazer contas. Ninguém se debruça numa apreciação honesta sobre as responsabilidades e o agravamento de encargos do comerciante. O modo mais fácil de despejar a billy é chamar ladrão a quem, arrastando por vezes um fardo mais pesado que as suas posses, se coíbe do próprio repouso para manter a frente bem erguida honrando os seus compromissos. O retrato do comerciante português está bem definido no conceito em que é tido por exemplo: em África, falando de Moçambique e Angola que melhor conhecemos. Contra o despeito de muitos, traduzido em invencionices tórpes e canalhas, o homem português dentre os quais o comerciante é considerado honesto, sério, íntegro, pelo homem negro das nossas ex-províncias ultramarinas. E caso frisante, de todos os dias nas relações entre elementos de raças tão diferentes (em tudo), temos o dos comerciantes brancos (portugueses) e da sua aceitação pelo gentio negro. Com efeito, sempre que numa povoação se encontram estabelecidos um comerciante branco e um comerciante negro, invariavelmente o consumidor negro também, para aquisição dos bens de consumo de que necessita opta pelo comerciante branco! Será por ser ladrão?!

Esta uma verdade insofismável, irresponsável e desafiar-nos quem quer que seja a desmentir-nos.

Ladrão, ladrão, essa palavra anda na boca de toda a gente, até de ladrões confessos e que,

Por Pedrógão Grande

Comparticipadas algumas obras à Câmara Municipal

Com 4.553 contos foram participadas as obras de construção e adaptação da Escola Preparatória Miguel Leitão de Andrada, esperando que brevemente as mesmas sejam reiniciadas e a nossa terra fique dotada de instalações modelares para o ensino.

Foram também participadas as seguintes obras:

- Estrada para a Sra. dos Milagres;
- Estrada para o Mirante da Cotovia;
- Rua Principal de Vila Facaia;
- Arruamentos novos em Pedrógão Grande;
- Rua da Casa do Povo-Largo do Encontro;

- Estradas dos Ramais para Escalos Fundeiros, Lameira Fundeira, Ouzenda, Outão, Adega, Pobrais, etc;

- Abastecimento de água à Figueira (Graça);

- Abastecimento de água a diversas povoações da Freguesia da Graça;

- Rede de distribuição de água à vila de Pedrógão Grande;

- Rede de Esgotos e Saneamentos, na vila de Pedrógão Grande, etc.

O total das participações concedidas excede os 20 000 contos, e depois de executadas estas obras, o concelho ficará decerto em melhores condições de habi-

tabilidade, com maiores comodidades e mais higiénico.

Estrada Nacional N.º 2

Vão avançando, mas com muita lentidão, as obras de abertura da Estrada Nacional N.º 2, que ligará o Alto da Louriceira a Alvares. Da abertura desta rodovia dependerá, em certa medida, o progresso do nosso concelho, visto que a sua ligação ao de Góis servirá para aumentar o intercâmbio comercial e industrial de toda a região.

DESPORTOS

No último domingo, 22 de Novembro, realizou-se no campo de S. Mateus mais um encontro de futebol entre o Grupo Desportivo da nossa Casa do povo e o da sua congénere de Monte Redondo. Venceu o Grupo Pedrogense, com uma exibição convincente e agradável. Estes encontros contam para os Campeonatos Oficiais da INATEL (Ex-Fnat).

Misericórdia e Casa da Criança

Prevê-se que a Casa da Criança, dependente agora hierarquia da Misericórdia local, venha a funcionar num futuro não longínquo, a considerar pelas diligências que o seu Provedor tem desenvolvido nesse sentido.

Aliás, a actual Mesa da Misericórdia de Pedrógão Grande tem sido muito eficiente, pois sem descuidar o próprio Hospital, remodelou a sua Capela, e outros planos programados têm vindo a ser cumpridos com total agrado.

A. Teixeira

Porque se fabricam

ÓDIOS?

A nossa fraqueza sobressai quando reconhecemos certas tendências ou vícios e nada fazemos para combater esses males. Assim acontece com os «Pês» isto, mais «Pês» aquilo, com os «grandes chefes» que provocam as guerras que por sua vez ceifam milhares de vidas dentre as quais as de mulheres e crianças.

Eles sabem as consequências fatais da guerra, mas não se preocupam, não há em si o remorso

crismando o próximo, pretendem desse modo autorizar-se, arvorar-se de uma honestidade de que não conhecem senão o designativo.

Pois se até ladrões e ladras com penas suspensas se atrevem a vomitar essa coisa de ladrões, aplicada aos comerciantes e não só, pois na sua bestialidade não poupam quem quer que seja!

O comerciante não é um ladrão mas um homem que trabalha, luta, não tem horários, nem férias e nem repouso. Mas é essa forma de viver, de estar na sociedade, que perturba os estrábicos e lhe faz umas tremendas cócegas no subconsciente odioso!

Marçal

COOPERATIVA DE TRABALHADORES RETORNADOS DO ULTRAMAR

IRMÃOS:

Estamos fazendo apêlos a todas as pessoas de boa vontade para nos ser dado o auxílio indispensável à criação de um mínimo de condições de sobrevivência e de trabalho.

Não queremos viver de subsídios, mas de nossa participação activa nesta sociedade onde, mau grado outras facções, nos teremos de inserir.

Queremos criar postos de trabalho, construir as nossas improvisadas casas, porém, mais não temos, além da vontade indomável de sobreviver para criar os nossos filhos, em paz. Empretem-nos ferramentas, ofereçam-nos as vossas sobras, o vosso auxílio e uma palavra amiga que nos aleme.

Queremos fazer uma festa de Natal com os nossos filhos, ajudem-nos, nesta realização.

Em nome dos Trabalhadores Retornados desta Cooperativa a Comissão, agradece, desejando-vos um Feliz Natal.

e, pelo contrário, até dão a sensação de divertimento ante o sofrimento de populações inocentes.

São os profissionais do ódio e do mal. Que procuram dividir as pessoas a partir da própria família, que lançam trabalhador contra trabalhador, soldado contra soldado e estes, acabam por bater-se, doentes, sujos, cansados e tantas vezes com fome.

Profissionalizam manifestantes e quando chega a hora da coragem, são estes os primeiros a desaparecer, a escaparem-se e as penas recaem sobre os que sentem um ideal e por ele lutam, enquanto os seus mandatários se refastelam no cinema ou no Teatro ou em lutos banquetes, contentes consigo como se as suas consciências estivessem limpas.

Essa é a nossa fraqueza e ainda bem recentemente um exemplo e grande e que poderia ter sido ainda mais grave, para além das vidas que se perderam, vidas jovens, valores esvaídos na vovagem das ambições mais mesquinhas de gente para quem o semelhante não conta.

Porque não havemos de nos darmos as mãos e no lugar de nos guerrearmos participarmos na luta pela paz, pela harmonia, pelo amor entre as pessoas?

Não será esse o caminho para um mundo melhor?

«Bébé»/1975

Barreiros (Irmãos) Lda.

Oficina de Reparações

Automóveis.

Compra, venda e troca de Automóveis



de Aluguer

Agente da Companhia de Seguros A MUNDIAL

Telef: 42184

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

J. Conceição Mendes (Zé do Penedo)

Fazendas brancas, calçado, chapalaria, gravataria, camisaria, retrosaria, roupas feitas, malhas, tapejes e passadeiras.

— Agora já não é o «Zé do Penedo» mas o Zé da Montanha, pois no seu estabelecimento há montanhas de artigos da sua especialidade a preços mais baixos que a temperatura de inverno!

Só Issol

Praça José Malhoa

Figueiró dos Vinhos

CASA GASPAR

(Antiga casa GODET)

Chapelaria - Retrosaria - Modas - Novidades

Minha Senhora: Se quiser comprar muito sem muito gastar, compre na CASA "GASPAR"!

Figueiró dos Vinhos

R. Dr. António José de Almeida

Telef. 423 16

CAFÉ CARDOSO

de Manuel Carlos Cardoso Furtado

O MAIS ANTIGO DE FIGUEIRÓ, E TAL COMO O VINHO DO PORTO, QUANTO MAIS VELHO MELHOR!

PETISCOS: ESPECIALIDADES DE SEGREDO PRÓPRIO PARA OS BONS APRECIADORES

SALA DE BILHAR :: CAFÉ :: LICORES :: VINHO REGIONAL TODA A GAMA DE BEBIDAS

SECÇÃO DE PASTELARIA: A FUNCIONAR

COM ESPECIALIDADES DE UM DOS MELHORES TÉCNICOS DE COIMBRA

Telef. P. P. 42310

Figueiró dos Vinhos



ELECTRO - BOBINADORA

DE

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

DE

JUVENAL ALVES DOMINGOS

TELEFS. { Estabelecimento 42375
Residência 42456

ELECTRICIDADE GERAL

Grupos Electro-Bombas ● Motores eléctricos ● Material estanque
Automáticos ● Ferros eléctricos ● Secção Técnica
Estudos ● Orçamentos ● Montagem

BOBINAGEM GERAL

Técnica ● Segurança ● Rapidez

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Cumprimenta os seus estimados

clientes e amigos, desejando

Boas Festas e Novo Ano Feliz

Carta sem selo para o Menino Jesus

(Continuação da 12.ª página)

africana de Moçambique. Diziam-nos que aquilo era o prolongamento da verde-rubra chaminé de Portugal e eu, e muitos milhares como eu, antes e depois de mim, acreditámos. Afinal era mentira. Fomos enganados.

No fim dos 30 anos eu quiz retirar o meu sapato mas isso já não havia. Foi chamuscado, queimado, destruído, sacrificado, em holocausto à demência, à estúpida infantilidade, a' pulhice de meia dúzia de monstros, traidores, brancos e negros. Da chaminé restou a fuligem e eu regresssei descalço. E comigo muitos milhares de homens vencidos, amarfanhados, sem mais fé, sem mais força para recomeçar.

Pois então não fui eu que perdi esse jeito, essa fé, que desabonei a terna tradição, mas outros sim que tudo isso mataram, carrascos de tantas gerações arrancando-nos o coração pelas costas.

E lavando daí as mãos.
Mãos sempre sujas.

* * *

Não te pude ver e choro por isso mas aqui estou, inteiro, nesta carta sem selo, falando as desditas de um país, as ameaças que se abatem sobre um povo, as angústias que nos oprimem, as vicissitudes que sobressaltam este pobre Portugal que foi ninho de paz e amor em plena integração familiar e hoje é um imenso hospício onde ninguém conhece ninguém.

De terra de Santa Maria, passou a couro de uma camarilha desenfreada ululando vilanias, ressumando bñlie, semeando ódios, degradando pa-

ra dividir e desse caos partir para a ditadura vermelha.

* * *

É uma tribo selvagem meu menino, maquiavélica, embrenhada em maquinações do mais baixo e despidorado conteúdo, desdenha todos os símbolos e a própria realidade da paz, da ordem, da harmonia, do trabalho, do progresso, da dignidade e da justiça, e o seu código de honra (?) apoia-se na demagogia, na violência, no escravagismo, no lodo viscoso da sedição e do golpismo.

Dimensionam-se no fanatismo e na crueldade ao tamanho e indole de todos os Neros, bebendo nas epístolas o que lhes convém e que transformam deturpando, à imagem cínica do falso profeta.

Infiltram-se por todas as malhas cumprindo o plano de assalto ao poder pela imediata manipulação de células fulcrais, oferecendo-nos de bandeja u m a camisa de onze varas, trepando eles pelas varas a todas as escarpas e erguendo aí o pendão ensaguentado da sua moral pustulenta, num desafio blasfemo ao Sermão da montanha, sem poesia do Monte dos Oliveiras.

Uma vil traição meu Menino, uma vil traição ao bom e generoso povo português.

* * *

Menino:

A imagem do meu país foi essa até 25 de Novembro passado. Aí, o espirito luso renasceu à mão de bons portugueses que souberam na hora certa travar os «miguéis de Vasconcelos» só faltando, agora, jogá-los no silêncio do sepulcro da marginalização.

Para retomarmos a marcha,
(Continua na 11.ª página)

FABRICA DE MALAS Ladeira & Miranda

Telefones: 42459 e 42219

LAMI FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ARCAS E BAÚS

Toda a gama da Especialidade em todas as dimensões

Fabrico apoiado nas mais modernas técnicas

LAMI: Uma Legenda de Qualidade em Qualidade de

ARCAS E BAÚS

TRABALHOS DE DESENHO

de Construção Civil — Projectos

EMÍDIO DOS SANTOS

Telefone 42486

Fonte das Freiras - FIGUEIRÓ DOS VINHOS

O INVERNO É UM SUPLÍCIO mas... no mundo da lã o inverno não entra!

É por isso que toda a gente faz romaria para a

Casa Lanigal

de: **J. Gonçalves**

Fazendas de lã e algodão — Chapelaria, miudezas e a mais vasta gama em artigos de retrosaria
Agente da Companhia de Seguros «Metrópole»
Aparafado, 19 — Telef. 46

Figueiró dos Vinhos (Ao Fundo da Vila)

Ferragens, óleos, drogas, tintas, vernizes, vidraças, malas, lavatórios, camas, colchões de palha e arame

MANUEL DOMINGUES

Cal hidráulica «Martingança» tubagem de fibro-cimento e galvanizados, pregaria, redes e arames, mobilias completas e móveis avulso, louças de ferro, esmalte e alumínio, Cimentos «Pataias» e «Liz», etc.

Telef. 42315 Figueiró dos Vinhos

Fabricante das Bombas

AGER
PORTUGAL

Betoneiras para
Construção Civil

Telefone: 32161

António Marques Boavida

Importador de Motores

Representante exclusivo
dos Motores:

Mag (suíço)
e **Rotax (Austriaco)**

Almofala de Baixo - Avelar

**O «DESINTERESSADO»
PROGRESSISMO DELES...**

Os furiosos «progressistas» militantes do Partido Comunista, José Cardoso Pires do Diário de Notícias, Francisco Mata e Joaquim Bemite do Século levantavam mensalmente, (ainda levantam?), 260 contos o primeiro e mais de 220 contos cada um dos outros!

Assim entende «progressismo» estes e outros quejandos que tais «defensores» da «liberdade» e da «igualdade».

E o povo português a ter de suportar «esta malandragem!»

Tipografia

MINERVA CENTRAL

A comodidade de ter ao pé da porta o que procurava longe da terra

Agente

Singer

*

Sonop Gaz

*

Tabacos «**INTAR**»

*

Telef: 42219

Figueiró dos Vinhos

António da Silva Miranda

Comissões e Consignações

Toda a gama «**Singer**» Rádios Televisores Electro-domésticos de todas as marcas

A garantia de uma tradição na qualidade e na assistência técnica.

COMO EU VEJO A NOSSA TERRA

(Continuação da 12.ª página)

de interesse e que porventura não tesha sido ventilado:

«O que eu desejava era uma união perfeita entre todos os figueiroenses. A partir daí pois as iniciativas haviam de surgir e a criação de novos postos de trabalho beneficiaria novas famílias já aqui radicadas e outra que viriam até nós. E por último eu queria fazer daqui um apelo às gentes da minha, da nossa terra: Vamos figueiroenses, estabelecer a grande força de uma verdadeira união. Demos-nos as mãos, juntemo-nos, realizemos juntos, em esforço de boa vontade a grande tarefa de engrandecer a nossa terra, fazendo a melhor propaganda de Figueiró, prestigiando o seu nome.»

* * *

Serenas e oportunas as afirmações da Milita, que nelas deixa transparecer todo o seu positivo bairrismo, todo o amor a esta terra que tanto carece de que na verdade nos saibamos dar as mãos e, na força da unidade, realizarmos a tarefa que a todos é comum de fazer um Figueiró maior e melhor.

Marçal Manuel

José Alves Abreu

Industrial de Madeiras

Figueiró dos Vinhos

Café Central

de

Castano Pereira & Filhos, L. da

Estabelecimento para bem servir o Público ■ Automóvel de Aluguer
Agentes dos Pneus Mabor e Óleos Castrol

No Largo do Encontro — Telef. 45121

PEDRÃO GRANDE

VENDA

Vende-se para demolir e fazer novas construções urbanas, devido ao estado em que se encontram, as casas onde funcionou a Pensão Parque logradouros e quintal numa área superior a mil metros quadrados. Estas casas estão situadas na avenida padre Diogo de Vasconcelos e confrontam a Norte com o Parque Municipal desta vila. Trata Dr. Joaquim Alves Tomaz Morgado.

A. Ferreira Leitão

Uma Casa que serve bem sem olhar a quem!
Móveis da mais moderna linha ou estilo antigo

Toda a gama de ferragens e materiais de construção, e alfaias agrícolas

Seguros: Império, uma seguradora de renome e prestígio

BANCOS: Correspondente do Banco de Agricultura

AGENTE: BP (GÁS) **MÓVEIS: AFL**

Telef. 42171 e 42203 **FIGUEIRÓ DOS VINHOS**

Supermercado A Pérola

Rua Major Neutel de Abreu (Ao Rêgo)

Figueiró dos Vinhos

Amigo:

Se estamos a falar em supermercado pronto, está tudo dito: um mercado super, portanto, onde encontra tudo que necessita!

E outra coisa: não precisa pedir por boca, é só entrar e escolher!

Ah! É verdade: resta acrescentar que é super na fatura, na variedade e qualidade da mercadoria e mini, tão mini que até mete raiva, nos preços!

OUVIU?!

de José do Carmo Morais

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Vá ao

meu regresso a Figueiró. Tomei o velho hábito de ir todas as manhãs ao Jardim-Parque colher, à surreia do amigo José Francisco, um cravo branco que então usava na lapela do meu casaco e agora guardo no meu posto de trabalho. Isto é uma confissão, e se apanhar cravos brancos é crime punível com multa, pois que salte aí o senhor fiscal e faça tombar sobre mim por culpa dos cravos brancos, todo o imenso peso da lei.

Mas enquanto ele não chega pois eu prossigo na conversa dos cravos.

Lá vinha eu de cravo branco na mão, numa manhã pardacenta e fria, neste princípio do outonal estação que há 30 anos me não ferrava o dente, quando me apercebi da presença, tremendo do grão (ali em ponto minúsculo) Mestre Malhoa, «descamizado» e só todo orvalhado, gotejando frio por todos os poros.

Era uma imagem pouco feliz e que nada recomenda os homens, aquela do Artista que produziu «Promessas», «Que lindo o meu menino», «U'ltimo interrogatório do Marquês de Pombal», «O Remédio», «Gritando ao Rebanho», «O Outono», «Os Oleiros», «Festejando o S. Martinho», «O Mercado», «O Batismo de Cristo» e inúmeras outras obras de inestimável valor, em menos de meio corpo e decepado, logo decepado, quando as suas mãos foram um prodígio de arte, de poesia na arte, de sensibilidade na arte, de amor na arte, de incomensurável grandeza na arte!

Ironias e misérias, segredos de misérias de homens que não tendo a dimensão artística do Mestre, podiam ao menos respeitar os valores e já que pretenderam homenagear que soubessem salvaguardar-se deste e doutros julgamentos, respeitando as proporções e defendendo os símbolos de positivo conteúdo que permanecem vivos para além da morte.

E expor Malhoa decepado, ou é brincadeira de mau gosto ou incultura guarnecida da mais atrevida ignorância.

Isto penso eu e repensei-o junto ao busto de Malhoa, lobrigando ainda nos tempos da minha meninice o contacto do Mestre com o mundo das pequenas coisas, no quintal do seu «Casulo» e entre a galhofa da dedicada senhora Nazaré, colhendo nabos que mandava aferventar pois era e-se um dos seus «hobys»...

E agora eu ali estava na presença do Mestre, tão maltratado este ainda pelo pobre enquadramento que lhe arranjaram, quando temos uma praça com seu nome e onde ficaria bem melhor, mas obrigando, é claro, a monumento de outra dimensão incon-

cilável e m a miniaturol peanha do mini busto.

E' certo que Figueiró tem umas reservinhas quanto ao Mestre, e foi um pouco das que eu conheço que lhe lancei em rosto, logo ali, neste reencontro outonal:

- Mestre, como amante da arte de comunicar através da pintura e sobretudo como figueiroense, eu tenho aqui uma pedra no sapato para lhe mosstrar, em jeito de acusação, para o que já pedi licença à minha humildade: Pela mão do escultor figueiroense Simões de Almeida, o Mestre veio a Figueiró e, maravilhado «com os longes dos panoramas, o anilado das montanhas e a tonalidade melancólica dos poentes» subiu ao «Portium» dos gigantes, e disse «Não é preciso ir ao Minho para encontrar a cor!»

Figueiró dos Vinhos, a minha terra, impressionou-o, não foi?

- «Sim, meu impertinente escriba e tanto assim que a adoplei, nela passei os melhores anos da minha vida, do maravilhoso quadro, único no mundo que cla-

dispersas, tresmalhadas, enriquecendo assim a terra que tanto o enriqueceu? Que fez o Senhor pela pobre senhora Nazaré que durante tantos anos lhe aturou as irreverências, servindo-o dedicadamente e que ainda hoje, passados quase 50 anos da sua morte, permanece pobre e alquebrada, doente, servindo para viver?»

- «Queres então dizer que eu nada fiz por Figueiró?»

- Não é isso Mestre Malhoa. Eu não quero dizer isso. O Senhor expandiu o nome da minha terra, mas as belezas incomparáveis da minha terra foram que o inspiraram, foram metade do seu êxito, ajuda am à sua consagração. Eu quero simplesmente acentuar que o Mestre fez alguma coisa por Figueiró mas tem de confessar que poderia ter feito mais, não é verdade?»

- «Eu vim para Figueiró e agarrei-me à terra, fixei-me, e fixei as suas belezas, que exportei, levando-as e ao nome da terra às mais remotas paragens. Quantas pessoas vieram visitar

electrificou-se o concelho

- «E demoliu-se o coreto, coisa que fica bem em todas as terras, e alteraram-se as linha originais da ponte romana às Fragas de S. Simão desvalorizando-a até do ponto de vista histórico inutilizando um factor turístico, e construiu-se aquele «mamarracho» em frente do cemitério, pretendendo com mal disfarçadas lavagens ao cérebro, convencer-nos de que aquilo é uma capela! Acusas-me de me ter servido de Figueiró sem o servir, mas, e que fizeram os homens da tua terra, já não digo mais, mas pelo menos tanto como eu?»

Mestre eu vejo a minha terra com ar mais prazenteiro agora, de cara mais lavada, temos por aí algumas indústrias e, certamente outras unidades fabris hão-de surgir.

- «E's um lunático, amigo, um sonhador! Prazenteira esta terra dividida em grupos e subgrupos? De cara lavada esta terra onde há dias rebentou escândalo só porque alguém se lembrou de cair a casa, coisa que a esmagadora maioria dos edificios da Vila não sabe o que é quase há um século!»

Mestre o senhor...

- «Espera um pouco, eu ainda não acabei Falaste em industrialização. Olha que é preciso des-caramento! Para além dessa tá-bua de suporte da economia figueiroense que é a Sonuma, as serrações Freitas Lopes e Simões Pereira, as Cerâmicas e mais duas ou três unidade de reduzida dimensão e com um mínimo de postos de trabalho, onde está a indústria de Figueiró dos Vinhos? Qual e a valia, qual o coturno do parque industrial da terra? E porque não abundam por aí as fábricas? A quem teremos de imputar as culpas desse desfazamento?»

- E' possível uma reconversão, Mestre, ainda é possível.

- «Agora?! Depois das leis tó-las desse louco sem intervalos lúcidos que é o Costa Martins?! Quem vai hoje na aventura de um empreendimento industrial, com tudo e todos a exigir sem a garantia da rentabilidade?»

O Mestre é um crítico ardoroso. E em certa medida até tem razão, mas para poder atrair pedras, resolve o seu problema de consciência, pague o seu débito à minha terra oferecendo-lhe o «Casulo», oferecendo-lhe mil obras suas que andam por aí perdidas algumas nas mãos de gente que de pintura só conhece o pincel de cair, assegurando uma pensão vitalícia à velhinha senhora Nazaré, mandando contruir pequenas habitações para os seus mo-

ENTREVISTAS IMPOSSÍVEIS

Com Mestre Malhoa, despido no Jardim-Parque

é, cu retirei milhentas partículas, levando a tua terra a todos os confins. Celebrizei-a e aos seus filhos que me serviram de modelo, como o Francisco dos Santos, Ventura, que tinha por alcunha o Cristo, o Noé, a Piedade Pa-deira. Nazaré e tantos outros!»

- E que mais, Mestre, e que mais?

- Valorize a terra com a minha oficina-moradia - o Casulo - a que ainda recentemente chamaste uma jóia de arquitectura e da estética!»

- E que mais, Mestre, e que mais?

- «E ofereci à Igreja de Figueiró o «Batismo de Cristo», que está ali no altar-mór, vivo, a penetrar as almas, a convidar à meditação!»

- E que mais, e que mais Mestre?

- E que mais querias tu que eu fizesse por Figueiró? Cantei as suas belezas, liguei o seu ao meu nome.

- Perdão perdão, o Mestre é que ligou o seu ao nome de Figueiró. O senhor veio, Figueiró já cá estava. E os seus modelos pobres quando chegou e eles continuaram pobres quando partiu. Porque não ofereceu o «Casulo» à nossa Câmara, à Vila de Figueiró, para nele se instalar um Museu, onde poderiam estar muitas obras suas que anam por aí

Figueiró fazendo dessas visitas uma habitação de todos os anos, por influência da minha acção? Eu trouxe-os e eles gostaram, mas parece-me que inuitos já não vêm. Saturaram. E porquê? Porque nada mais lhes foi oferecido para além do que a natureza dá. Os homens teus conterrâneos não tiveram talento para aproveitar as principescas dádivas da natureza, Figueiró não tem uma piscina, uma casa de espectáculos, um court de ténis, nas Fragas não há uma pousada e tudo o mais que constitue um complexo turístico. Não se fazem concursos de pesca e implantou-se um viveiro de trutas, mas a zona da concessão está ao abandono. Desde que eu morri até hoje e já lá vão cerca de 40 anos que a média de construção não dá uma moradia por ano!

Converteram-se as pessoas ao caruncho e Figueiró cristalizou.

- Tem razão até certo ponto Mestre, mas esse derrotismo negro não fica bem a um artista. De resto, essa acusação é uma espada de dois gumes. E se maneja assim desabridamente ainda se corta...

- «Meu caro, estou aqui já sem alma, mas de consciência tramquila. Fiz o que pude pela tua terra e se os outros, aqui nascidos, houvessem feito outro tanto, pois Figueiró vestiria hoje outra fatiota, teria um rosto diferente».

Mestre rasgaram-se estradas,



Rosa Coutinho: Quem é Você?

Continuação da 6.ª página

Fanon que o complexo de inferioridade só se vence matando o colonizador? Camarada Agostinho Neto, dá, por isso, instruções secretas aos militantes do MPLA para aterrorizarem por todos os meios os brancos, matando, pilhando e incendiando, a fim de provocar a sua debandada de Angola. Sede cruéis sobretudo com as crianças, as mulheres e os velhos, para desanimar os mais corajosos. Tão arreigados estão à terra esses cães exploradores brancos que só o terror os fará fugir. A FNLA e a UNITA deixarão assim de contar com o apoio dos brancos, dos seus capitais e da sua experiência militar. Desenraizem-nos de tal maneira que com a queda dos brancos se arruine toda a estrutura capitalista e se possa instaurar a nova sociedade ou pelo menos se dificulte a reconstrução daquela.

Saulações Revolucionárias.

A vitória é certa

(Assinatura ilegível)

António Alva Rosa Coutinho

Vice Almirante

O mais feroz e selvático monstro repudiaria isso. Será possível que Rosa Coutinho chegasse aí? Nós recusamo-nos a comentar.

«De Notícias de Loures»

Rede de esgotos em CAMPELO

Na sua política de galvanização de todos os sectores a nossa Câmara projecta dotar a importante povoação de Campelo com rede de esgotos. Para o efeito incluiu no plano de trabalhos a executar no próximo ano essa rubrica, procurando resolver um dos graves problemas de Campelo e cuja satisfação corresponde a um legítimo anseio da sua laboriosa e bairrista população.

delos e, por último e pelo menos isso, instituir uma ou duas bolsas de estudo para estudantes pobres, valores artísticos que se perdem na bruma do anonimato por incapacidade económica. Alguma vez pensou nisto, Mestre?

O frio apertava e eu lá deixei o Senhor José Malhoa escorrendo orvalhos, enregelado no exame introspectivo a que o forcei.

Marçal

Mecânica Donobel

de: Belmiro Domingues

A casa especializada que Figueiró esperava!

Agente oficial das melhores MOTO-SERRAS da SUÉCIA, a famosa marca «HUSKVARNA»

Motores de Rega - as mais avançadas Motorizadas e Motos - Electro-Domésticos - Biciclistas - Acessórios - Roçadores de Mato «HUSKVARNA» e toda uma vasta gama de artigos.

Assistência técnica e mecânica a motores de pequena cilindrada, a preços sem concorrência.

+

Agente Oficial da C.ª de seguros «Comércio e Indústria» das mais antigas e prestigiosas seguradoras do PAÍS

«Mecânica DONOBEL»

Ao cimo do Ramal

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

... não se vendo

O «CASULO»,

QUE

JOSÉ MALHOA

NÃO OFERECIU

À T FRA QUE O

AJ DOU A SFR

GRANDE..

CARTA SEM SELO PARA O MENINO JESUS

(Conclusão)

nos rumos da paz, na conquista da felicidade que o povo português tanto merece.

E são esses merecimentos que também e sobretudo desejo vincar, para te pedir meu Menino a graça da tua luz, da tua bondade, do teu amor, espargida em aluviões de paz, compreensão e harmonia sobre este povo e este país. Para que os homens se amem e não o deíem, para que se unam e não dividam os portugueses, para que os pais estejam com os filhos e estes com os pais, para que as alvoradas de todos os dias sejam radiosas e não plúmbeas, ameaçadoras e tristes, para que a côr branca de todas as aleluias penetre as almas e inunde os corações, para que o espírito de Tua Mãe - Nossa Senhora ilumine os rebeldes e acaricie os fiéis, para que o mistério de uma concepção sem pecado esteja em todos os lares, em todas as famílias e permaneça dominante, para expurgo do aventureirismo, e conversão dos que renegam e tumultuam.

Meu Menino:

Hoje que renascestes, vai por aí, com a auréola cingida à fronte, dar pão aos meninos pobres que sentem fome e dar juízo aos homens que na cegueira do seu egoísmo tudo calcam e até ignoram os seus deveres mais sagrados. Leva o calor da tua candura ao peito dos homens sem fé, acicatando-os nas rotas da fraternidade; faz incidir a chama fulgurante e quente da tua humildade sobre os desesperados, arras-

tados pecaminosamente para a vala comum dos legionários do ódio e da pulhice, e exproba-lhes a inferioridade espiritual, a despersonalização, a incapacidade de escolher entre os grupos corruptos e o lado são de uma sociedade oposta aos grupelhos; espargue a luz viva da tua inteligência sobre os maus políticos, miseráveis exploradores da boa fé de um povo que os renega mas ainda os tolera. Autênticos sepulcros caídos de vermelho, esses maus políticos, que confundem e tremelham, implantam as raízes do mal e pretendem mergulhar o povo na miséria e o país na ruína.

Avisa-os meu Menino, fustiga-os, recupera-os.

Agora que passou a grande noite e em plena luz do dia maior, enche o sapato gigante deste Portugal que já não é um jardim mas um pandemónio, de paz e amor, compreensão entre os homens e humildade para a renúncia, muita fé e muita luz para vencer as trevas em que chafurdam as corujas vermelhas que piam lugubrememente num agoiro maldito comprometendo o futuro independente do nosso país e a liberdade do nosso povo.

Menino: abençoa as mães e os filhos, os órfãos e os engeitados, os que têm fome e os que têm frio, os que amam e sofrem. E penetra o espírito dos homens, alumia-os abre-lhes o caminho da justiça para que todos, sem mais ódios se reunam clamando com fervor e fé:

«Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade»

RESIDENCIAL

RESIDENCIAL PALMEIRA

Antiga Pensão «**João Luiz**»
Instalada no Prédio LUSALITE junto à Rua da Palmeira
Com nova Gerência e completamente remodelada:
Abriu a Residencial Palmeira
Uma afirmação de conforto que dignifica a Vila e honra a indústria Hoteleira
Ampla, arejada e modernamente mobilada a Residencial da Palmeira, com o telefone 4 24 60, é um convite a quantos apreciam comodidade, higiene e bem estar num ambiente requintadamente familiar.
E depois do repouso reconfortante prove a boa mesa e os afamados petiscos no **FRANKLIN**, com Bar-Restaurante junto à Fonte Monumental
Residencial Palmeira e Bar-Restaurante, as ofertas do
FRANKLIN DOS SANTOS GODINHO
a quantos vivem ou visitem a «Sintra do Distrito de LEIRIA»
Figueiró dos Vinhos. Telefone 4 24 60

PALMEIRA

Confeições

CASA MARCOLINO

de: MARCOLINO DA SILVA LADEIRA

CAMISARIA — CHAPELARIA — VIDROS

Sedas, Retrosaria, Figueiro, Fazendas de lã, Miudezas, Gravataria
Lãs em fio e tecidos de algodão.

CASA MARCOLINO: Por vender tão barato já lhe chamam a batalha contra a inflação!

Telef: 4 24 59

Figueiró dos Vinhos

MARTINS & HENRIQUES

Agentes e Comissionistas de fabricantes nacionais
Colaborando no progresso do AVELAR e na economia das populações abrem ao público o:

MINI-MERCADO AVELARENSE

que será a despensa económica de todas as famílias.

AVELAR

Electro — Técnica Figueiroense de

José Martins da Silva Santos Lda

Electricista Profissional — Montador de baixa tensão

Encarrega-se de todos os serviços inerentes à sua arte

Motores Eléctricos — Material Estanque — Bobinagem Geral

Reparação de Congeladores

Moto-Bombos "RABOR", "EFACEC", "SIMANES"
e "ELECTRO-ALFA"

Os melhores tipos de equipamento com garantia e assistência técnica pelo próprio

Estabelecimento junto à Luselite nesta Vila.

Electro-Técnica Figueiroense: Uma nova luz devassando a escuridão. Uma nova técnica ao serviço do progresso.

Experimente os nossos serviços e conquistaremos um novo amigo.

Douro — Figueiró dos Vinhos

António de Jesus Lopes

(António do Canto-Caselo)

Frango de Churrasco - Carne Assada

Especialidade da Casa: **Leitão Assado**

Vinho regional autentico Vinhos do Porto Licores

Rua Dr. Martinho Simões

FIGUEIRO DOS VINHOS

Café NOVO HORIZONTE

O ambiente acolhedor de uma verdadeira sala de visitas

Cerveja a copo - Petiscos - Toda a gama de bebidas

Especialidade em PASTELARIA

Agência do Totobola

Telef: 4 24 85

Figueiró dos Vinhos

Agência de Viagens

E Turismo Pereiras, Lda

Excursões e Turismo no País e Estrangeiro
Passagens Terrestres, aéreas e Marítimas,
Obtenção de Passaportes e vistos

SEDE EM TOMAR — Telef. 3 22 75

Sucursal em Lisboa — Telef. 84 24 10

CELESTE

Cabeleireira

Permanentes — Riçagens — Pintura — Descoloração

Mises — Mini-Vague

Rua da Cadeia

Telef: 4 22 09

Figueiró dos Vinhos

TÉCNICA ELÉCTRICA

Pedroguense

Propriedade e Direcção Técnica de:

Vasco António Lobo Varela

Casa especializada em
Montagens eléctricas e
Representante de Electro-
Domésticos das melhores marcas

Grande stock de utilidades

Junto ao Adro Telef. 4 51 86

PEDRÓGÃO GRANDE

NOTARIADO PORTUGUÊS

Cartório Notarial do Concelho de
Figueiro dos Vinhos

A cargo do notário: Lic. Marta
Maria Ferreira Agria Forte

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de 2 de Dezembro de 1975, exarada de fjs. 1 a fjs. 3 do livro de notas para escrituras diversas N° 278, deste Cartório, e com referência à sociedade por quotas de responsabilidade limitada «Martins & Rosa, Limitada», com sede nesta vila de Figueiró dos Vinhos, se exarou o seguinte acto:

O sócio Fernando Francisco Rosa, casado, residente nesta vila, devidamente autorizado e para efeito de transmissão, dividiu a quota de 50 000\$00, que tinha naquela sociedade, em duas novas quotas de 25.000\$00 cada.

O mesmo sócio cedeu aquelas divididas quotas de vinte e cinco mil escudos a Carlos Pimenta Perdigão, casado, residente no lugar de Casal dos Ferreiros das Bairradas desta freguesia e concelho, e a Manuel Dias Martins, solteiro, maior, residente no mesmo lugar de Casal dos Ferreiros das Bairradas, pelos respectivos valores nominais, tendo-se apartado daquela sociedade e autorizado que o seu apelido continuasse a fazer parte da firma.

ESIA' CONFORME

— Cartório Notarial de Figueiró dos Vinhos, aos seis de Dezembro de mil novecentos e setenta e cinco.

Emendei: «publicação» «dividiu», Risquei: «por quotas»

O AJUDANTE DO CARTÓRIO
Carlos Augusto Conceição Santos

PROPRIEDADES

Em Figueiró dos Vinhos

Vendem-se as seguintes:

Casas antigas, com adega e Grande quintal no centro da vila.

Terras com vinha, oliveira e Sobreiros, denominada Lameiras, junto da estrada do Douro.

Pequeno pinhal no sítio do Covão do Mendo, junto da estrada.

Eucaliptais no sítio do Lameirão

Traça Manuel Cabral — Rua Machado Santos, 10-B — 1.º-D.
Telef. 2 26 84 Leiria

VIUVA DE ==

Luís Ferreira de Oliveira

Mercearias — Vidros — Louças

Rua Dr. António José Almeida

Figueiró dos Vinhos

Fernando Manata

ADVOGADO

Telefones: { 4 22 34
4 21 25

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

O Direito à Liberdade

Famílias de militares e civis encarcerados por imperativo da sua participação no golpe de 25 de novembro manifestaram-se junto do Chefe do Estado exigindo a libertação dos ditos. Está tudo muito certo, pois a liberdade é um direito inalienável. Mas se o golpe não tivesse falhado, o conceito de direito à liberdade seria o mesmo e assim reconhecido por aqueles que estão hoje

no lugar onde teriam encerrado os que triunfaram e estão aplicando o justo ou injusto castigo a quem pretendeu lavar Portugal em sangue?

E se esses encarcerados não queriam ser por amor à liberdade, que ponderosa razão os animaram a um golpe que mais não pretendia que recusar o direito de uma maioria esmagadora, à liberdade?

E, entretanto, ainda perguntamos: todos aqueles que estão ainda detidos por participação na «intentiona» ou «inventona» de 28 de Setembro e 11 de Março não tem o mesmo direito à liberdade? E, se, antes do 25 de Novembro as suas famílias organizassem uma manifestação exigindo a libertação dos familiares detidos, como teriam reagido os Copcons, os chefes militares presos depois do golpe de Novembro, e a cunhalíssima bem orquestrada, manipulada e criminosa cadeia de Séculos, Diário de Notícias, etc, etc.?

Musa em Gazeta

Figueiró Meteu Botas na Chaminé

Construiu uma estrada...

A «Barracada» do ramal!

Numa bela iniciativa de regresso à tradição por tantos anos perdida sem qualquer razão, esta terra rediviva mas ainda combatida d'alguns traços de polé, espantou o D'us Menino ao pôr, jogando ao destino, as botas na chaminé...

Dentro delas - mal cheirosas tôscas e cardadas - ia um grande relabório de coisas passadas, tristes, dolorosas,

como a d'um certo auditório e as obras de um egresso, resumidas numa estrada batidinha e asfaltada lá p'ra o Ribeiro Travesso...

E contava-se a história d'um terreno no pinhal como se para «alguém» fôra, mas sem «alguém» saber tal, ou por perda de memória ou por em cima da hora outra hipótese ocorrer;

coisa de nenhum interesse, pois como pode entender-se não comprar e receber?

E lá nas botas cardadas, num bilhetezinho a preceito, faziam-se petições em stilo solto e correio:

- que sejam remodeladas as «casinhas de aflições» que tresandam no mercado, infectando o carapau;

pois que vá lá o «Larau» e deixe aquilo apertado... E podia-se ao Menino para obrigar, e já,

a Câmara, a «sclarecer p'ra que serve aquele «mandão piroso e peregrino que está ali a nascer no ramal, à balastrada:

será p'ra criar suínos, galinhas ou gambuzinos, ou somente é barracada? E' que a malta desconfia por 'star próximo o Janeiro que é mês q'rido dos bichaus com seu infernal «vasqueiro» que a Câmara em galeria p'ra aliviar os «Fulanos» e merecer foguetório,

vai fazer daquele 'spelho o original «ka. gatório» dos gatos cá do conchelo...

«Poeta em férias»

Água ao domicílio servindo novas povoações

Empenhada numa nova fase de arranque do nosso concelho a Câmara Municipal vai promover as obras de abastecimento de água ao domicílio às povoações de Almofala de Cima, Almofala de Baixo, Casal do Castanheiro, Musqueiro e Olival, melhoramento da maior importância respondendo a justas aspirações e que se incluem no plano de trabalhos para o ano de 1976.

Comarca de Figueiró

COMO EU VEJO A NOSSA TERRA

Presença de Maria Emília Cotrim Gaspar (Milita)

Uma figueirense bairrista até à modula desfila hoje nesta secção falando da terra de todos nós. Trata-se de Maria Emília Cotrim Gaspar, popularizada Milita, a simpatia personificada e o amor à terra onde nasceu elevado ao mais alto grau. Por todos os motivos e mais esse, pois ela teria de vir a esta secção e aí está, respondendo aos quesitos que lhe pusemos:

Qual a diferença entre o Figueiró de hoje e o de há vinte anos

- no aspecto urbanístico
- no aspecto estético
- no aspecto social
- no aspecto económico

«Não é muito difícil, infelizmente, a resposta. A nossa terra cristalizou. O progresso não se fez sentir. E' a força de vontade de alguns que movimentam esta coisa e tem impedido o crescimento que a Vila tanto merecia. E a mim, como figueirense de gema, isso me atormenta. Entretanto, e como não posso fugir a uma resposta mais concreta, vamos à apreciação:

a) No aspecto urbanístico a nossa terra foi assinalada pela



pouca evolução. Meia duzia de edifícios e, vamos lá, alguns de boas linhas, e por aí nos quedámos.

b) No aspecto estético pois temos de saudar uma evidente preocupação, sobretudo na construção de moradias, em introduzir uma arquitectura diferente, fugindo claramente à rotina.

c) No aspecto social temos a grande crise da nossa terra. As pessoas estão divididas e é pena. Porquê este desfazamento? Nem mesmo a juventude procura conviver. Figueiró há vinte anos era mais família que é hoje. Havia mais iniciativa e talvez mais compreensão, mais amizade.

d) Do ponto de vista económico, pois a evidência não se oculta. Sem indústrias para além da Sonuma e das serrações, Freitas Lopes e Simões Pereira, e perdendo a sede da Empresa de camionagem dos Barreiros, que dava muita vida à terra, a

panorâmica económica não é de molde a animar ninguém.»

O que mais desejarias fôsse feito em Figueiró?

«Mais um bairro económico e desta vez para os mais pobres e a instalação de novas indústrias.»

Do ponto de vista turístico, dá-nos sugestões que possam influenciar os responsáveis locais por esse importante sector:

«Nesse aspecto necessitamos apenas de valorizar um pouco o que temos aos montes e saber aproveitar as generosidades da natureza. Uma casa de espetáculos, incremento da pesca desportiva, desporto do tiro aos pratos e aos pombos, serões culturais, uma pousada nas Fragas de S. Simão subsidiada pelo Turismo Nacional, uma piscina, um pavilhão gimnodesportivo, etc., tudo isso são necessidades que temos de satisfazer se efectivamente pretendemos regressar aos bons tempos em que Figueiró gozava da preferência dos turistas.»

Apoiarias um cortejo de oferendas a favor dos Bombeiros?

«Apoio um cortejo de oferendas a favor dos Bombeiros e tudo quanto se organize em favor desses abnegados e sacrificados soldados da paz.»

Se mandasses, o que farias imediatamente em favor de Figueiró?

«Imediatamente mandava construir um mercado municipal coberto.»

Concordas com um asilo de velhos em Figueiró?

«Concordo plenamente e só lamento que ainda não exista esse asilo cuja falta se faz sentir, para que os velhinhos tenham um lar com aquele mínimo de conforto que merecem.»

Aborda um assunto que reputes

(Continua na 9.ª página)

CARTA sem selo ao MENINO JESUS

(Continuação da 1.ª página)

gnificado, das filhotes! Tudo se consumia, amor, alegria, a própria felicidade, na voragem maldita do vício do álcool, na brutez animal dos insensíveis!

Mas, retomemos o fio à meada, na noite que passou, e porque lá pelas Áfricas onde me achei à torridez do sol e ao vergastar do cacimbo, a tua tradição está muito abalada (melhor seria dizer em balsamada), e ultimamente (a mudança dos ventos...) até surgiam aqui e acolá, nesta ou naquela Missão de Superior mais flexível, ao jeito dos homens de pouca fé na tormenta do grande lago, uns

Subsidio à Filarmónica

Correspondendo a um pedido formulado pela actual Comissão Directiva da Filarmónica Figueirense, a Câmara Municipal concedeu um subsidio de 25 contos àquele agrupamento musical possibilitando a aquisição de novos fardamentos para os executantes, o que redundará em prestígio do grupo e da própria Vila, porquanto a nossa como qualquer Filarmónica, quando integradas na sua verdadeira função, se aferem como embaixadas das mais positivas na propaganda da terra que representam.

A água que nós bebemos

A Câmara acaba de solicitar ao Delegado de Saúde o exame bacteriológico da água da albufeira da Lapa da Moura que abastece a nossa Vila. Entretanto vão sendo anotadas falhas que se não na qualidade pelo menos na pureza da água provocando apreensões. Com efeito, e com muita frequência, a água sai das torneiras carregada de barro o que, não só impede o seu consumo, por prevenção com todo o cortejo de contrariedades fáceis de inferir, como implica a deterioração de condutas tubagem o que é susceptível de graves prejuízos a curto prazo.

Meninos Jesus pretos, arribação especulativa imagem típica de uma geração clerical comprometida no desamor a Deus e no amor ao ventre e ao entulho que o empanturra, pois por tudo isso, eu queria ver-te e falar-te.

Sabes lá como vibrei de ansiedade e conjecturando acerca da maneira como irias aceitar-me! Contei as horas, os minutos, os segundos. Ensaiei os gestos, as curvaturas vertebrais, os salamaleques e até decorei as palavras de saudação quando o chegasses caindo nos meus braços!

Momentos maravilhosos eu vivi, na expectativa do reencontro e nele certificar-me se eras o mesmo que eu deixei, ou se eras negro como os padres da Missão da Cabaceira no Mossuril te mostraram no Natal de 74, ou se eras vermelho como Rosa Coutinho, ou indú filho de goeses como um indivíduo que eu conheço e se chama Otelo!

Longa vigília a minha meu Menino!

Mas porque tenho necessidade e a mania de trabalhar e o meu tempo de vivência já passou além do vigor dos 20 anos (dobrados...), cedi à fadiga e adormeci.

Vieram contar-me depois, que havias descido a minha chaminé e indagado do meu sapato que não encontraste, o que te teria deixado pesaroso e contrafeito.

Por isso te devo uma explicação e aqui estou, sazornado na fé, mas descrente dos homens, a dizer-te o que desde há muito me aquece os ânimos e não poucas vezes os amolenta!

Menino: essa gloriosa e empolgante tradição do sapato na chaminé aguardando a prenda do Menino Deus, eu perdi, trágicamente, dramaticamente, irremediavelmente eu perdi!

Experimentei, aqui há coisa de trinta anos, colocar o meu sapato na grande lareira

(Continua na 2.ª página)

Centro de Cultura, Recreio e Arte

Sob os auspícios de um entusiasmo equilibrado e reflectido, prosseguem os trabalhos de organização do Centro de Cultura, Recreio e Arte de Figueiró dos Vinhos, que para além do mais e desde já se constitui numa afirmação muito válida e vigorosa da vitalidade da nossa juventude. Assim, e com regularidade sem quebra, têm-se realizado reuniões e todas elas proveitosas, sendo-nos possível adiantar a realização muito próxima de um Concurso de Quadras, exposição de pintura com prémio especial para o melhor quadro

alusivo a Figueiró e, a curto prazo, a apresentação de um grupo de teatro numa rábula de sabor local, primeiro passo para mais largos vãos nesse tão difícil como apreciado sector artístico no qual, acentue-se, a nossa terra tem fundas e gloriosas tradições.

Assinalando com satisfação esse rumar decidido da nossa juventude nos caminhos mais positivos da sua valorização e da sociedade em que se insere, aqui deixamos as nossas felicitações e com a certeza de todo o nosso apoio, os votos dos maiores êxitos.

E, pelo Centro de Cultura, Recreio e Arte, força força.

.....

Tipografia

MINERVA CENTRAL

Execução de todos os trabalhos tipográficos

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Subsidio a Castanheira do Pera

Para as obras de construção do acesso ao Colégio de São Domingos foi atribuída à Câmara Municipal de Castanheira do Pera uma participação de 484.000\$00.

Comarca de Figueiró

SUPLEMENTO

Composto e Impresso na
Minerva Central — Figueiró dos Vinhos

N.º 3
25 Dezembro de 1975

Desportivo

FUTEBOL - TAÇA BATALHA

DESPORTIVA 2 - NAZARENOS: 3 - (Com a ajuda do árbitro...)

Quem não gosta de Figueiró não é bom chefe de família

... alguns árbitros não gostam de Figueiró!

Em jogo a contar para a taça «Batalha» deslocou-se a esta Vila a equipa dos Nazarenos que defrontou a Desportiva tendo as equipas alinhado assim:

Desportiva: Zé Maria, Rogério, Kaú, Albano e Acácio; Trindade, Vasco, e Mário; Manuel Maria, Pires e Albertino; (Castela Fernando Silveiro, Quim Leitão e Caetano).

Nazarenos: Trindade, Carlinhos, Licínio, Armindo e Maltez; Cunha, Borges e Vital; Adriano, Marto e Meca (Quim e Piló).

Arbitrou, Azoia Monteiro, auxiliado por Domingos Galásio e António Jorge.

Os golos

Ao intervalo: 1-0 para os Nazarenos.

Quando iam decorridos 18 minutos e na sequência de um «livre» Marto, oportuno, bateu Zé Maria sem possibilidade para este.

2º tempo: 2-2

Aos 23 minutos Quim Leitão, que entrara a substituir Pires, marca de cabeça, aproveitando um passe de Vasco a «pingar», repondo a igualdade. No minuto seguinte e a culminar um contra-ataque rápido que surpreendeu a nossa defesa, Marto, coloca de novo a sua equipa em vantagem. Entretanto Caetano substituiu Albertino.

Porque se abandona um futebolista chamado Eurico?

Aos 27 minutos um atacante visitante estatela-se junto à grande área dos locais e sem que a queda, segundo o próprio jogador nos confirmou no final do encontro, tenha sido motivada por qualquer adversário. Pois passou qualquer «azoiada» pelos miolos do sr. Azoia que logo assinalou grande penalidade. Encarregado de apontar, Armindo faz o 3º tento da sua equipa. Pronto, estava tranquilo o sr. Azoia...

A 10 minutos do final surge o golo mais espectacular do encontro. Descida dos locais rápi-

da, com bola batida ao primeiro toque, termina com um passe a meia altura para Vasco, melido lá bem na frente e que em «salto de peixe» cabeceia a bola fazendo um golo de belo efeito.

Comentários

A equipa da casa não merecia sair derrotada. Descontando a grande penalidade como mero

Eurico, António Napoleão, Vasco e Manuel Maria, o «quadrado mágico» que ninguém repensou!

acidente de jogo, quer pelo nível da sua actuação, quer pelas oportunidades de golo (estamos recordando dentre tantas aquelas três perdas flagrantes, de Pires, aos 33, 34 e 36 minutos) a Desportiva esteve uns furos acima do seu adversário, manteve do primeiro ao último minuto o comando do jogo mas pecou na zona da verdade, por nervosismo umas vezes, por falta de inteligência, outras. De resto essa é uma das enfermidades da equipa, a falta de rematadores. E outra, e grave também é a incipiência táctica.

Não denuncia quaisquer vislumbres de plano táctico esta equipa da Desportiva que nesse fulcral aspecto, vai invariavelmente para o campo sob a inspiração do «seja o que Deus Quizer». E assim não se podem aguardar bons resultados. Muito fazem os rapazes.

Nós assistimos a substituições incríveis, mas nunca vimos mexer no xadrez da equipa em termos conscientes, obedecendo a um plano definido esquematizado respondendo às solicitações do jogo, isto é, actuando como antidoto do «veneno» adversário e sempre em função das características da equipa, genericamente e, particularmente, de um ou outro jogador mais influente na manobra do conjunto. Quer o adversário seja de alto, de médio ou baixo potencial futebolístico, a disposição das nossas pedras é sempre a mesma,

o seu jeito de atacar ou defender é sempre igual. Se o adversário aplica determinado plano e verifica que o mesmo não resulta

Sem vedetismos, porém, a Desportiva dispõe de um lote de rapazes habilidosos.

optando imediatamente por outro, a nessa «manta de retalhos» passa à imagem de berlinde rebolando-se afanosamente no mesmo estilo de sempre, sem a imaginação sequer, de uma mudança táctica que ninguém lhe ensinou.

A Desportiva tem gente com habilidade. É inegável. Mas não descortinamos, para além do guarda-redes, de Kaú e mais um ou dois elementos, que alguém esteja ocupando o lugar que melhor se ajusta às suas características, onde melhor rendimento poderia dar. Queimou-se o voluntarioso Pires numa função de ponta de lança para a qual não reúne um mínimo de condições. Pires será um bom defesa lateral, com funções de «biscateiro» no

A táctica do «sem rei nem roque» é responsável pelos fracassos.

contra-ataque ou no sistema de cobertura à zona, portanto em apoio ao meio campo e à frente, respeitando-se a troca ocasional. Fernando Conceição (que não tem jogado) está muito bem como médio centralista mas não recuado como o temos visto. Manuel Maria será, quanto a nós, o ponta de lança ideal, desde que lhe metam ao lado um homem que jogue com os pés e com a cabeça, por exemplo Vasco, o equivaleria a desconcertar qualquer defesa, aflita com a impetuosidade do primeiro e com a habilidade de sentido prático do segundo Eurico (Quando é que se lembram de tratar deste magnífico futebolista?) seria o «termómetro» da equipa, metido no dança das intermediárias, como o fabricante transformador das deixas, das bolas perdidas, para além da plena integração na meia defesa onde

a sua intuição e inteligência predominariam abatendo as mais perigosas veleidades de qualquer adversário, já que a fuga destes pelas laterais estariam fortemente comprometidas por esse portentoso Kaú, por um lado, e por esse poço de habilidade e generosidade que é António Napoleão. Pois consoante o sistema praticado pelo adversário teria de haver os necessários ajustes mexendo sempre nestas peças fundamentais. «A priori» e assim

O plano táctico da Desportiva apoia-se na teoria da bola de berlinde.

muito pela rama, essa terá de ser manobra da equipa, necessariamente com as variantes ditadas pelo curso das operações o que não é difícil, até porque, e por muito que isso pese aos cáusticos, posto que sem grande abundância e sem fulgor de «vedetas», temos gente com habilidade, capaz de fazer muito melhor do que aquilo que nos tem sido dado ver.

Referências individuais

Kaú (o monstro sagrado da equipa), Vasco, Zé Maria, Manuel Maria e Acácio foram os mais destacados na turma local. Dos visitantes salientamos Marto, Trindade e Borges.

Da Arbitragem

O sr. Azoia Monteiro errou na grande penalidade com que castigou a Desportiva e errou quando não assinalou idêntica falta contra os Nazarenos por carga mais que violenta sobre Quim Leitão. Errou no critério aplicado na interpretação da «Lei da

Árbitros: Os Neros de fresca data permanentemente de dedo para baixo, contra a Desportiva!

vantagem». Errou em 90% das faltas junto à grande área dos visitantes beneficiando estes. Errou nas faltas a meio campo beneficiando a equipa local. Critérios de quem sabe muito. Enfim, todo ele foi um erro!

Marçal

